

Publicação trimestral

Edição e propriedade da Faculdade de Filosofia, U.C.P. - Braga

Redacção e Administração: Faculdade de Filosofia, U.C.P., Braga (Tel. 616200)

Tiragem de 1.750 ex.

Conselho de Direcção: *Alfredo Dinis* (Director), *A. Freire*, *J. Bacelar e Oliveira*, *J. F. P. Borges*, *J. R. da Costa Pinto*, *J. Ribeiro*, *L. Craveiro*, *M. Losa*, *M. Morais*, *M. Garcia*, *M. Simões*, *R. Cabral*, *V. de Sousa Alves*

Administrador: *Bernardino Fernandes*

A colaboração da revista é da responsabilidade dos autores

Impressão: *Editorial Franciscana*

Depósito Legal nº 28684

## SUMÁRIO

ALFREDO DINIS – <i>Meio século da Revista Portuguesa de Filosofia</i> .....	241-242
ALEXANDRE FRADIQUE MORUJÃO – <i>Meio século de Filosofia na Faculdade de Letras de Coimbra</i> .....	243-252
JOAQUIM CERQUEIRA GONÇALVES – <i>50 anos de Filosofia na Faculdade de Letras de Lisboa</i> .....	253-266
ANTÓNIO JOSÉ DE BRITO – <i>O Porto e a Filosofia a partir de 1945</i> .....	267-280
LÚCIO CRAVEIRO DA SILVA – <i>A Faculdade de Filosofia de Braga e a sua Revista Portuguesa de Filosofia</i> .....	281-294
MICHEL RENAUD – <i>O ensino da Filosofia na Universidade Nova de Lisboa</i> .....	295-312
MANUEL GAMA – <i>A Filosofia na Universidade do Minho</i> .....	313-318
MANUEL FERREIRA PATRÍCIO – <i>O ensino da Filosofia na Universidade de Évora nos últimos 20 anos</i> .....	319-334
JOSÉ LUÍS BRANDÃO DA LUZ – <i>A Filosofia na Universidade dos Açores</i> .....	335-353
PEDRO CALAFATE – <i>Figuras e ideias da Filosofia portuguesa nos últimos 50 anos</i> .....	355-376
JORGE COUTINHO – <i>Teixeira de Pascoaes: um pensamento refundador</i> ..	377-395
CRÓNICA .....	397-416

## Comemoração dos 50 anos da Revista Portuguesa de Filosofia

### MEIO SÉCULO DA REVISTA PORTUGUESA DE FILOSOFIA

*Para assinalar os cinquenta anos da Revista Portuguesa de Filosofia, realizaram-se dois Colóquios para os quais foram convidados a apresentar comunicações representantes das Universidades Portuguesas onde a Filosofia tem um lugar de relevo. São essas comunicações que agora se reúnem neste número da Revista, comemorativo de meio século da sua existência.*

*Os Colóquios constituíram, para além do mais, uma tomada de consciência da tradição que constitui os alicerces onde radica muito do nosso presente filosófico, e que continuará a informar, de um modo ou de outro, o nosso futuro. Eles constituíram também uma oportunidade de prestar uma justa homenagem aos nossos mestres que nos legaram não só o seu saber, mas também, em muitos casos de forma notável, a sua sabedoria. Eles continuam a ser nossos companheiros de viagem, neste eterno peregrinar que é a filosofia.*

*O ouvir a narração do nosso filosofar de portugueses teve um sabor de regresso a casa, de regresso ao lar, às nossas raízes profundas e eternas, ao anúncio daquele saber original que todos no fundo procuramos, porque ele, no mais profundo de nós mesmos, nos procura.*

*Os nossos mestres deixaram-nos o seu saber. Deixaram-nos também monumentos excepcionais que preservam esse saber para as gerações vindouras. Entre tais monumentos, estão a Revista Portuguesa de Filosofia. Trata-se de uma Revista que, enraizada numa tradição de que só tem que se orgulhar, se abriu desde o seu início aos novos caminhos que se desenhavam no horizonte filosófico desde as primeiras décadas deste século. E pode dizer-se que nunca deixou de estar aberta à colaboração dialogante de autores das mais diversas correntes, contando nas suas páginas com a colaboração de eminentes figuras tanto portuguesas como estrangeiras. Hoje, a nossa Revista é apreciada quer em Portugal quer nos muitos países para onde é enviada.*

## A FILOSOFIA NA UNIVERSIDADE E A SUA SITUAÇÃO NA UNIVERSIDADE DOS AÇORES

1. A inserção institucional da filosofia na Universidade dos Açores reflecte, como não poderia deixar de ser, as peculiaridades da orgânica da própria instituição e dos condicionalismos administrativos que um enquadramento tutelar conjunto, a nível nacional e regional, têm ocasionado, pelo menos até muito recentemente. A estrutura departamental da Universidade (9 departamentos com investigação e ensino e um com investigação) e a dimensão do quadro de pessoal docente (presentemente com 56 doutorados) têm permitido uma gestão equilibrada de solidariedades, num conselho científico único da escola em que se respira uma atmosfera favorável à partilha de responsabilidades. O apoio que cada sector carece para desenvolver as respectivas áreas tem favorecido a abertura de espírito necessária para responder com isenção aos problemas e aos anseios de cada domínio. A área dos estudos filosóficos não destoa neste panorama, tendo mantido até ao presente um curso de licenciatura, via ensino, e recebido mesmo alguns incentivos para colaborar em cursos de graduação e de pós-graduação doutros departamentos.

No entanto, os condicionalismos impostos pela dependência de financiamentos, associados à crescente saturação que o ensino secundário apresenta, no que concerne a professores de filosofia, e à crescente tendência do poder político e da própria sociedade civil para privilegiar os investimentos que favorecem a especialização tecnoprofissional do ensino superior constituem sérias ameaças à nossa volta, e que nas sociedades pequenas parecem assumir uma dimensão mais grave, pela escassez de alternativas disponíveis.

A acuidade do problema, em nosso entender, não se poderá dissociar duma reflexão que procure equacionar a função que a filosofia reveste no

scio da própria universidade, não obstante a irreversível orientação tecnocientífica que esta última tem tomando. Na verdade, a sociedade parece cada vez mais esperar das escolas uma formação que a prepare para os desafios onde tudo se ganha e se perde na livre concorrência dos mercados. E o crescente número dos que vêm no ensino superior o termo natural dos estudos secundários testemunha a convicção das virtualidades que a universidade encerra para corresponder às expectativas que os jovens depositam no futuro. A preferência acentuada pelas tecnociências e por alguns ramos das ciências sociais representa a clara indicação dos vectores da evolução que se regista. É nestas áreas que os desenvolvimentos disciplinares parecem atender com naturalidade às solicitações do meio. Não só os projectos de interesse social são inseridos sem resistências no acervo de pesquisas dos diferentes departamentos da universidade, constituindo mesmo uma fonte inestimável de financiamento, como, para além disto, colhem junto do poder político a preferência dos apoios.

A universidade joga os seus créditos no sucesso dos projectos que concebe e na actualidade das pesquisas que realiza. Para além das pressões que exigem a reconversão curricular dos cursos e a exploração de novos campos do saber, a capacidade política de decidir os sectores prioritários de investimento não deixa de constituir uma achega importante para compreender o vigor que certos domínios científicos apresentam. As restrições orçamentais e a distribuição selectiva dos financiamentos de fundos de apoio à investigação constituem alavancas poderosas para influenciar a expansão de certas áreas e sustentar o crescimento de outras. Porém, a dependência de investimentos sempre mais avultados em equipamentos e laboratórios tornou a opção tecnocientífica da universidade um encargo pesado para a sociedade, que procura arrecadar os dividendos dum cobrança de contrapartidas, quer por via da solicitação de serviços que dêem respostas aos seus problemas, quer pela exigência dum ensino que *prepare* profissionalmente os que lhe asseguram o protagonismo para intervirem com eficácia nos campos decisivos em que exercem a sua actividade.

O incremento dos cursos tecnocientíficos constitui a resposta dum universidade que vive assim o confronto com a herança que modelou os contornos mais expressivos da sua fisionomia e sofre, por outro lado, as escoriações dum caminhada em que se recusa a deixar ultrapassar pelos que seguem por itinerários socialmente mais vantajosos e julgam o mérito das suas realizações com base em padrões de produtividade empresarial. O aumento da frequência de estudantes nas áreas da tecnociência ratifica esta orientação, que tem manifestado a tendência para subalternizar o que se costuma

incluir sob a designação de «ciência pura» e de ciências humanas. A Universidade dos Açores não constitui excepção a esta tendência dominante, se atendermos a que o seu Plano de Desenvolvimento até ao final do século prevê precisamente triplicar o investimento neste sector.

Perante estes compromissos, em que circula certamente uma seiva revigorante, não nos deixaremos de interrogar sobre o sentido destas opções. Será pertinente perguntar se as exigências dum ensino tecnocientífico, particularmente atento a carências sociais de profissionalização, não ameaça desvirtuar o perfil da universidade? Ou seja, por outras palavras, somos obrigados a perguntar se a universidade poderá conceber a diversidade dos níveis de ensino que ministra e da investigação que realiza à margem de um ideal de cultura que, por vocação, tem de promover?

2. A crise decorrente da dissolução dum saber sistemático que a universidade tradicional assegurava sob a égide da filosofia favoreceu a constituição dum variedade de disciplinas científicas e técnicas. A complexidade dos desafios económicos e a modernização da administração pública criaram exigências específicas para uma formação especializada a que os esquemas dum universidade tradicional não davam resposta. A proliferação fora da universidade de escolas especializadas vocacionadas para a educação profissionalizante pôs na ordem do dia o problema da reforma da universidade como condição indispensável da sua sobrevivência. Foi assim que Max Scheler ligou o processo de democratização da Alemanha republicana, saída da Primeira Grande Guerra, a uma profunda reforma das universidades, que envolvesse a preparação profissional e técnica de todos os estratos sociais num projecto cultural de formação integral da personalidade humana.

Scheler apercebe-se claramente já nessa altura de que o programa tradicional das universidades alemãs se encontrava perigosamente desfasado das tendências que no momento se desenhavam a favor dum educação predominantemente profissional e especializada. E ao mesmo tempo que chama a atenção para a indispensável contribuição da universidade em promover a valorização do «trabalho espiritual» nas novas áreas que começava a integrar, adverte para as contradições que derivavam do acolhimento que, mercê das circunstâncias, passava a conceder ao ensino especializado. É que a mentalidade da universidade, presa à orientação que Schleiermacher havia preconizado para a Universidade de Berlim, dirigia-se fundamentalmente para a investigação científica e a formação humanista, o que levava a um desinteresse pelas metodologias pedagógicas indispensáveis ao cumprimento dum programa de ensino vocacionado para a profissionalização. Atraída pelo inte-

resse primordial de formar para a investigação, a universidade cumpria com «má consciência» a tarefa de apoiar o ensino profissionalizante com base científica. Mas, por realizá-la sem procurar munir-se de um suporte pedagógico, acabou por se transformar em «um conjunto relativamente arbitrário de escolas superiores especializadas»<sup>1</sup>. Para que possa cumprir a sua função com «boa consciência» terá de se reconciliar com a situação histórica que «a transformou já num conjunto de altas escolas especializadas»<sup>2</sup>, assumindo sem complexos e com mais lealdade do que até então a formação profissional que a sociedade reclamava.

Uma concepção favorável ao acolhimento desta nova orientação parece ter também inspirado as reformas que Darcy Ribeiro preconizava para que a universidade da América Latina assumisse um papel de «agente de aceleração do progresso global da nação»<sup>3</sup>. Visando um objectivo predominantemente social, a universidade deveria cumprir um desígnio tecnoprofissional, para dotar a sociedade dos quadros dirigentes indispensáveis à promoção dos benefícios da civilização industrial. A aposta na universidade feita por países, como a ex-União Soviética e o Japão, permitiu dotá-los de quadros políticos, científicos e técnicos, indispensáveis para assegurar a condução dos respectivos projectos nacionais de transformação revolucionária da sociedade e de abandono do subdesenvolvimento.

Os programas de reforma da universidade da América Latina deveriam seguir a mesma estratégia, em lugar de se limitarem a actuar «como agentes de modernização reflexa»<sup>4</sup>, isto é, funcionarem como veículos de divulgação dos avanços da ciência e da técnica levados a efeito nos países desenvolvidos. É tarefa primordial da universidade procurar promover nos próprios países a pesquisa científica e o investimento tecnológico que permitirão vencer o subdesenvolvimento, recusando assim a dependência neocolonial que os pretende transformar numa mera sociedade de consumo.

A articulação entre a investigação e o ensino orientado para a formação profissional é um problema vital para a sobrevivência do carácter da própria universidade, para que esta se não transforme numa mera transmissão repetitiva de resultados da investigação científica, desligados dos processos que conduziram à sua formulação. O ensino numa especialização profes-

<sup>1</sup> Max SCHELER – *Universidad y Universidad Popular*, in *La idea de la Universidad en Alemania*, Buenos Aires, Editorial Sudamericana, 1959, p. 348.

<sup>2</sup> Id., *ibid.*, p. 358.

<sup>3</sup> Darcy RIBEIRO – *A universidade necessária*, Lisboa, Ed. Estampa, 1975, p. 47.

<sup>4</sup> Id., *ibid.*, p. 86.

sional não se poderá compreender fora da ideia de universidade, ou seja, do vínculo à investigação, conforme Karl Jaspers defendeu. Só aquele que investiga tem capacidade de ensinar, isto é, de desenvolver o ensino da «ciência viva». É que o ensino não se pode limitar à transmissão de resultados fixos, mas procura fazer transparecer o processo do conhecimento que constitui o «espírito das ciências». Por outras palavras, o ensino universitário que prepara para a especialização profissional não se poderá circunscrever a promover «a aprendizagem dum saber delimitado, mas sim o ensino e o desenvolvimento dos órgãos para o pensar científico»<sup>5</sup>, aberto a um horizonte de totalidade que vincule a investigação ao todo do saber. A investigação científica que alimenta a docência universitária vive assim do «impulso filosófico» que é «fermento das ciências» e impede que o ensino especializado desumanize a profissão. Dentro deste horizonte e numa posição consonante com a que Max Scheler também propõe para se opor à tendência para a especialização tecnoprofissional dos tempos modernos, Ortega y Gasset atribui como tarefa dominante da universidade desenvolver a dimensão cultural, o sistema de valores vitais de cada época, que possa conferir à formação tecnoprofissional uma qualificação complementar, no sentido de realizar a síntese integradora que dê unidade à dispersão que a especialização provoca.

3. Ao mesmo tempo, assiste-se a um aumento vertiginoso de estudantes, que alterou significativamente os índices de frequência da universidade. Não será possível compreender o significado desta mudança se a dissociarmos das perspectivas de realização social que este nível de ensino começou a poder assegurar, à medida que desenvolvia a oferta de especializações no domínio tecnoprofissional. Paul Ricœur, num texto de 64, «Faire l'Université», chama a atenção para o significado desta alteração que então se começava a manifestar, recusando explicá-la em termos meramente demográficos. Pelo contrário, uma tal orientação corresponde antes a uma mudança que se operou nos padrões sociais de prestígio que passaram a conotar a frequência do ensino superior e nos quesitos exigidos aos quadros dirigentes e especializados das instituições sociais. Um tal afluxo, conjugado com a tendência de incluir no ensino superior todo o ensino que se ministra ao nível pós-secundário, coloca-nos perante a exigência de repensar a sua estrutura. Deste modo, Ricœur, integrando de uma forma escalonada as dimensões tradicionais da universidade com a especialização profissional que passou também a assu-

<sup>5</sup> Karl JASPERS – *La idea de Universidad*, trad. de *Die Idee der Universität*, in *La idea de Universidad en Alemania*, p. 429.

mir, propõe uma diferenciação de níveis em ordem a conferir uma qualificação com vários graus de exigência, ordenados segundo quatro planos de complexidade crescente: «formação de base e iniciação, especialização e formação profissional, formação para a investigação e investigação propriamente dita»<sup>6</sup>.

A diversificação de planos permite dar uma certa homogeneidade ao ensino universitário, de modo a desenvolver a vertente tecnoprofissional superior que, respondendo às solicitações e potencialidades do mercado de trabalho da sociedade industrial, possa oferecer uma especialização alternativa aos estudantes que não ingressam na via orientada para o ensino. Um ensino superior diversificado, assente na autonomia dos diferentes níveis que o constituem, torna possível encarar cada ciclo de estudos numa perspectiva terminal, isto é, como susceptível de conferir uma qualificação específica e não apenas uma etapa necessária para a progressão a um nível superior.

Na visão do autor, esta abertura da universidade ao ensino tecnoprofissional não colide com a sua «missão principal», a investigação. Estas duas componentes são essenciais para a definição dum ensino superior empenhado, por um lado, na diversificação de áreas e níveis de ensino alternativos, o que poderá ser considerado um factor decisivo do sucesso escolar, por outro lado, na promoção da investigação que, especialmente destinada aos que se mostram particularmente dotados para prosseguir nessa direcção, «é o motor, o núcleo criador» de toda a universidade: é esta que «impede que as outras ordens de ensino cristalizem ou se transformem no seu próprio fim, forçando-as a adaptar-se, a renovar-se»<sup>7</sup>. Deste modo, para além da missão tradicional de formar professores para os diferentes graus de ensino, a definição de níveis de exigência da universidade poderia responder às necessidades de formação de pessoal para os quadros médios e superiores do país.

Mas se na década de sessenta a explosão provocada na universidade pelo súbito aumento da frequência fez eclodir, como Boaventura de Sousa Santos salienta, um movimento de democratização, traduzido numa «distribuição em massa da alta cultura universitária»<sup>8</sup>, os anos oitenta representaram o desencadear de políticas educativas de recuperação do prestígio cultural das universidades.

<sup>6</sup> Paul RICOEUR – *Lectures I. Autour du politique*, Paris, Éd. du Seuil, 1991, p. 374.

<sup>7</sup> Id., *ibid.*, p. 374.

<sup>8</sup> Boaventura de Sousa SANTOS. «Da ideia de universidade à universidade de ideias», in *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*, Porto, Edições Afrontamento, 1994, p. 169.

No entanto, o crescente empenho da universidade em atender, a par das funções tradicionais de investigação e de ensino, à prestação de serviços que a comunidade insistentemente lhe dirigia se, por um lado, lhe abriu um domínio mais vasto de intervenção e uma fonte suplementar de revigoramento, por outro lado, introduziu no seu seio uma «crise de hegemonia». As dificuldades que as universidades experimentavam em responder às solicitações dos sectores produtivos da sociedade estimulou-os a procurar ultrapassar esta insuficiência funcional que as universidades apresentavam à margem da sua tutela, ou seja, a promover por sua iniciativa a formação especializada dos seus quadros.

Além do mais, a facilidade com que as exigências de profissionalização se mostram progressivamente mais complexas e se desactualizam por imperativos do próprio processo produtivo e dos mecanismos de mercado tornam cada vez mais estreitos os laços de dependência entre a actividade de formação profissional e os núcleos produtivos da sociedade. A tendência que se desenha é duma auto-suficiência face à universidade e dum poder crescente para lhe impor os seus temas e problemas, influenciando assim o sentido da investigação e do ensino.

A flutuação que se vive no que diz respeito às exigências de formação no sector profissional tem feito sobressair de forma cada vez mais acentuada a importância duma formação não orientada para um desempenho profissional específico, mas susceptível de criar nos estudantes «uma formação cultural sólida e ampla, quadros teóricos e analíticos gerais, uma visão global do mundo e das suas transformações de modo a desenvolver neles o espírito crítico, a criatividade, a disponibilidade para a inovação, a ambição pessoal, a atitude positiva perante o trabalho árduo em equipa, e a capacidade de negociação que os preparem para enfrentar com êxito as exigências cada vez mais sofisticadas do processo produtivo»<sup>9</sup>. Mais do que uma formação profissional que ao fim de alguns anos estará desactualizada ou deixará mesmo de existir, o acento tónico é colocado numa formação que desenvolva uma flexibilidade pessoal e motive a criatividade inventiva de exploração de novos campos de actuação. Na sequência duma inspiração que os relatórios da OCDE sobre a universidade têm vindo a sublinhar, começa-se a valorizar «um certo regresso ao generalismo, ainda que agora concebido, não como saber universalista e desinteressado próprio das elites, mas antes como formação não-profissional para um desempenho pluriprofissionalizado»<sup>10</sup>. É, em suma,

<sup>9</sup> Id., *ibid.*, p. 172.

<sup>10</sup> Id., *ibid.*, p. 172.

o reacender da chama das virtualidades da formação de tipo humanista, para manter vivos o dinamismo que alimenta a capacidade de reconversão profissional e a necessidade duma formação continuada.

4. A introdução das áreas tecnoprofissionais na universidade portuguesa não teria sido feita sem encontrar algumas resistências. Assim, por exemplo, Delfim Santos, na sua «Linha geral da nova Universidade», escrito em 1933, ao mesmo tempo que lastimava a marginalização da universidade «da vida e da cultura do nosso tempo», restringia o ensino universitário às Faculdades de Letras e de Ciências. As escolas de medicina, direito, engenharia, agronomia, belas artes, música, etc., que são de natureza tecnoprofissional, «não devem pertencer à Universidade». Não que uma tal exclusão pretendesse traduzir qualquer depreciação do ensino técnico, mas antes porque este tipo de ensino, em função da sua especialização, tendia a tomar uma linha de rumo que deixava de fora a sua «correlação com o saber total ou a cultura»<sup>11</sup>.

A consciência desta ambivalência é conatural à vida da própria universidade, que desde o período medieval foi conciliando a sua concepção de ensino superior, organizado em volta dos estudos de medicina e direito, com um ideal universal de cultura que a filosofia e a teologia lhe conferiam.

Se a estrutura orgânica da universidade se fortaleceu nos séculos XII e XIII como uma corporação autónoma de ensino, pólo de atracção de mestres e estudantes de diferentes proveniências «que tinham na Escolástica a grande ferramenta das sínteses do conhecimento e no emprego do latim o veículo de aproximação dos homens e do pensamento»<sup>12</sup>, os princípios que inspiraram a organização do ensino teriam já informado a acção docente que as primeiras escolas conventuais organizaram «em torno da cultura clássica e do legado cristão»<sup>13</sup>. Será mesmo legítimo reconhecer uma linha de continuidade com o labor das escolas gregas que, sob a égide duma personalidade, coordenavam o esforço colectivo de persistente reflexão sistemática sobre a organização do universo e do agir humano. Os progressos alcançados pelo envolvimento especulativo dos vários intervenientes, por serem objecto de registo escrito, eram salvaguardados, evitando assim, como salientou Léon Robin, «que fosse necessário retomar o caminho já percorrido». De igual modo, o empenho de Platão em conduzir a educação numa boa direcção fê-lo completar o

<sup>11</sup> Delfim SANTOS – *Obras Completas, II*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1982, p. 380.

<sup>12</sup> J. Veríssimo SERRÃO – *História das Universidades*, Porto, Lello & Irmão Ed., 1983, p. 193.

<sup>13</sup> Id., *ibid.*, p. 12.

ensino da ginástica, da música e das artes pelo estudo das ciências teóricas, em que a dialéctica lançaria o homem na pista da razão última do ser.

Esta mesma concepção de ensino superior passou para Aristóteles que desenvolveu os quadros nocionais para pensar e exprimir a orgânica do desenvolvimento das ciências, das técnicas e da acção humana nas suas diferentes dimensões. Envolvendo todas as disciplinas científicas na inteligibilidade de um saber dos princípios mais gerais do ente que a filosofia primeira estabelecia por via da especulação sistemática, a filosofia aristotélica submetia assim a organização dos saberes à mais alta cientificidade que o homem poderia cultivar.

A Idade Média, na sequência da teoria aristotélica das causas, que permitiu desenvolver uma demonstração científica ao nível dos pressupostos últimos de todo o conhecimento possível, radicalizou o processo de fundamentação das ciências que a filosofia procurava assegurar, atribuindo à meditação teológica a forma suprema do saber mais remoto e integral dos entes. Os esforços despendidos pelas diversas formas de humanismos, que a partir do Renascimento chamaram a atenção para o saber contido no grande «livro do mundo», conduziram a uma concepção de ciência que se entendeu sempre como a unidade universal dum saber fundamentante, encontrando na reflexão metafísica e no ideal duma *mathesis universalis* os esteios que lhes asseguraram a compreensão operatória da natureza.

O idealismo alemão representa a expressão terminal deste empreendimento em que a sistematicidade hegeliana do saber enciclopédico traduzia uma ordenação inteligível de todos os campos da realidade, construída como um projecto da razão. Neste sentido, a tarefa da universidade é ensinar a filosofia como sistema acabado de toda a ciência possível. Era importante impedir, como Schelling advertia logo ao começar as suas *Lições sobre o método dos estudos académicos*, que a formação especializada num dado sector dos saberes fizesse esquecer «o destino muito mais elevado do sábio em geral, do espírito enobrecido pela ciência». O valor das disciplinas científicas está na referência ao universal e ao absoluto, e é «a filosofia que, ao abranger a totalidade do homem englobando todos os aspectos da sua natureza, é mais capaz de libertar o espírito da estreiteza duma formação unilateral e elevá-lo ao reino do universal e do absoluto»<sup>14</sup>.

<sup>14</sup> F. W. J. SCHELLING – *Leçons sur la méthode des études académiques*, trad. de *Vorlesungen über die Methode des akademischen Studiums*, in *Philosophies de l'université. L'idéalisme allemand et la question de l'université*, Paris, Payot, 1979, p. 45.

Cada área disciplinar vive da sua articulação com a totalidade do saber. Não se limitando à simples memória duma existência isolada, torna-se deste modo, como diz Fichte, «uma parte indispensável duma totalidade maior descoberta»<sup>15</sup>. Cada domínio particular do saber é o elo duma unidade orgânica que emana da filosofia, que assim detém uma «função reguladora»<sup>16</sup>. Fichte tem consciência de que o «mundo científico» se encontra distanciado dessa exigência de unidade de um saber que se organiza a partir da *enciclopédia geral*, mas não deixa de reconhecer como tarefa da universidade a formação de «um número importante de pessoas que seriam então capazes não apenas de compreender uma tal enciclopédia e de compreender a sua verdade, mas também de trabalhar efectivamente segundo os seus princípios nos domínios particulares das ciências»<sup>17</sup>. O saber organizado segundo uma ordem geométrica, um mecanicismo operativo e um «sistema absoluto» da totalidade do conhecimento leva assim a esperar da universidade uma proposta de organização de «uma síntese do saber, sob o signo da filosofia, o que significa a constituição de um sistema hierarquizado da ciência»<sup>18</sup>.

5. O conspecto actual é na verdade bastante diferente! Ao ideal de um sistema absoluto, pautado pelo optimismo da crença numa linha de construção progressiva dos diferentes saberes, opõe-se uma diversidade de propostas de abordagem do real, segundo linhas alternativas de desenvolvimento. A configuração estrutural da própria universidade sofreu uma alteração profunda sob os auspícios da filosofia positivista que a converteu «num espaço de pluralidade científica, de especialidades rigorosamente demarcadas, sem qualquer oferta imediata de substituto da unidade perdida»<sup>19</sup>. O programa imposto pelo positivismo à pesquisa científica de substituir a explicação causal dos fenómenos pela determinação da lei que traduz as suas relações regulares, se por um lado alargou o âmbito das investigações ao campo dos fenómenos sociais, fê-lo à custa, não dum ideal de cultura que este novo domínio poderia ter introduzido, mas de uma unidade metodológica que o subordinou aos critérios que garantem a racionalidade das ciências da natureza.

<sup>15</sup> J. G. FICHTE – *Plan déductif d'un établissement d'enseignement supérieur à fonder à Berlin*, trad. de *Deducirter Plan einer zu Berlin zu errichtenden höheren Lehranstalt*, in *Philosophies de l'université*, § 60, p. 237.

<sup>16</sup> Id., *ibid.*, § 19 p. 189.

<sup>17</sup> Id., *ibid.*

<sup>18</sup> Gustavo de FRAGA – *Fidelidade e alienação*, Ponta Delgada, Instituto Univ. dos Açores, 1977, p.24.

<sup>19</sup> Miguel Baptista PEREIRA – «Universidade e Ciência», in *Revista da Universidade de Aveiro / Letras*, 1 (1984), pp. 4-5.

A universidade vive presentemente um esforço permanente para impedir que as inevitáveis cedências às solicitações que a interpelam se não reduzam numa cumplicidade que desvirtue o seu projecto original e acabe por justificar a sua missão na prestação de serviços que dispensa e no ensino profissionalizante que ministra. Deixando transparecer uma certa apreensão pelos reflexos que esta situação pode projectar na programação das disciplinas curriculares, Vieira Pimentel, no domínio da teoria da literatura, tem insistido na necessidade de gerir esta conflitualidade que, como afirma com algum desencanto, se agudiza pela corrosão que se instalou num ambiente de crise desumanizadora.

A fragmentação dos saberes em consequência do ascendente que a especialização tecnoprofissional ganha nos nossos dias tem contribuído para a emergência de sentidos que concebem o homem segundo projectos inconciliáveis. Desta forma, ao mesmo tempo que a universidade vai perdendo de vista a sua preocupação original de unificação do saber, torna-se cada vez menos um factor de garantia da coesão social, caracterizando-se gradualmente «mais como *Pluri-versidade* do que como *Uni-versidade*»<sup>20</sup>. Daí o cuidado particular que devem merecer as opções que se tomam na estruturação dos programas das disciplinas curriculares dos cursos, principalmente daquelas em que, como a literatura portuguesa, se joga uma concepção do homem numa situação de crise e se tomam decisões importantes sobre o seu destino. É que, adverte ele, as obras da nossa literatura não fazem opção pela autonomia da arte com vista à ostentação das potencialidades especificamente estéticas, mas envolvem-se na discussão crítica de aspectos significativos da vida social, política, científica, religiosa, etc., «manifestam e escarpelizam o mal-estar envolvente, censuram aspectos negativos da sociedade, querem modificar hábitos e crenças»<sup>21</sup>, mobilizando desta feita um conjunto de categorias «ideais» que, não pertencendo ao domínio literário, roçam naturalmente as fronteiras de outras disciplinas, nomeadamente a filosofia, que assim se constitui como envolvente importante no aprofundamento das questões referentes à crítica literária.

Por seu turno, o Prof. Cerqueira Gonçalves sublinha a convergência de todas as expressões do saber num plano de unidade cultural. É a linguagem

<sup>20</sup> F. VIEIRA PIMENTEL – «Universidade, literatura, ensino da literatura», in *Literatura Portuguesa e modernidade*, Ponta Delgada, 1991, p. 16. Cf. ID., «No tempo da língua. Reflexão sobre os valores, a universidade e o *discursus* do poder», in *Arquipélago*, Série de Ciências Humanas, 3 (1981), p. 141.

<sup>21</sup> Id., *ibid.*, p. 64.

natural que torna expressiva esta unidade, pois é através dela «que se define e se diz o que se quer»<sup>22</sup>. Sem ela, outras formas de linguagem, como a utilizada na formalização das teorias científicas, não teriam expressividade. É pela articulação literária da linguagem natural «que se constrói o sentido dos mundos de todos os saberes»<sup>23</sup>, ou seja, que se poderá encontrar o nexo que permitirá articular os diferentes saberes e sancionar um novo discurso da sua unificação. Valorizar a comunicação como meio de realizar os desígnios do conhecimento tinha já sido bem sublinhado por Scheiermacher e foi também particularmente destacado por Habermas, no início dos anos 80, numa conferência que proferiu no Goethe Institut de Lisboa com o título «A ideia da universidade – processos de aprendizagem»: é impossível realizar seja o que for sem a linguagem!

Com o propósito de libertar a ideia de universidade das simplificações que foram progressivamente encobrindo o seu significado mais expressivo, Habermas insiste na ideia de que os desafios da crescente especialização das ciências se não harmonizam com a «excessiva pretensão de exemplaridade» com que o idealismo alemão pensou a universidade, e 1 a que Karl Jaspers de algum modo deu continuidade. A integração das escolas especializadas no interior da universidade tornou-a cada vez mais numa força produtiva, de que a sociedade industrializada não prescinde para responder às exigências de ordem económica e de eficácia técnica, e tornou cada vez menos viável o esquema de dependência das ciências de um «modelo dominante» que a força unificadora dum saber absoluto prometia assegurar.

A clarificação dos fundamentos metodológicos e a tomada de consciência dos pressupostos teóricos que intervêm na articulação da pesquisa científica apresentou-se como o novo campo de exploração da filosofia, dada a inviabilidade em recuperar a sua orientação tradicional de pensar o referencial integrador de todo o saber, um projecto desacreditado pela acelerada dispersão dos saberes em disciplinas especializadas. Ligando-se a cada disciplina, a filosofia envolvia-as assim numa dimensão crítica, assegurando-lhes «uma abertura face ao estrangulamento das suas relações com o mundo». Todavia, porque a diferenciação das ciências introduz um foco de instabilidade na ideia de um saber aglutinador que possa dar consistência à consciência que a universidade pode ter de si mesma, Habermas acabou por acentuar a comunicação como princípio integrador de todas as funções que a universidade realiza

ao nível do conhecimento. É assim nas diferentes formas por que se organiza, através da linguagem, a argumentação científica que se encontra o novo campo onde se tecem a coesão e a unidade dos saberes. Pela comunicação se constroem novos sentidos da realidade e assegura-se a cooperação da comunidade dos investigadores, o novo universo referencial da ciência moderna.

6. É certo que, no interior da actividade científica, se instaura uma racionalidade singular que procura compreender a ordem do evoluir dos acontecimentos e dos fenómenos naturais, bem como da própria acção do homem nos diferentes níveis em que ela decorre. Mas um tal esforço corre o perigo da dispersão se não for integrado por referências que se recusem a confinar aos limites do mundo.

A especialização dos saberes não cristaliza a nossa curiosidade no conjunto disperso dos seus resultados e enunciados, mas faz circular uma *sabedoria* que os organiza numa rede de ligações de sentido que dá consistência à prática científica. É este ideal que poderá responder às preocupações mais universais do espírito humano e alimenta a convicção de que a diversidade dos saberes é um passo dado no caminho certo. Desta forma o homem instaura uma ordem integradora das suas acções e representações e tece os contornos essenciais do seu próprio *ethos*.

O Prof. Gustavo de Fraga, que procura pensar a universidade como expressão de uma homologia com a vida em sociedade, «caracterizada como duração e temporalidade, actividade e organização»<sup>24</sup>, concebe-a indissociável de um ideal de cultura que a filosofia procura exprimir. Neste sentido, distingue, sem opor, saber e sabedoria, sublinhando que se a sabedoria imprime à vida uma ordem que reflecte um ideal de cultura, por outro lado, lembra com Kant que o caminho da sabedoria cruza em vários pontos do seu trajecto os percursos da ciência. Esta ligação confere-lhe uma inevitável historicidade que põe à partida limites às pretensões dum sistema definitivo, mas a apresenta antes como um princípio integrador de toda a actividade, que a ciência procura dar expressão através dos seus problemas e resultados. Todavia chama a atenção para o comprometimento pessoal desse desenvolvimento, não o representando como uma tarefa meramente anónima. Daí a conaturalidade da filosofia à universidade, como reflexão ou descoberta da sua natureza e dos seus fins, assegurando «o domínio de um princípio pessoal sobre os poderes impessoais, na constituição da sociedade como todo harmónico»<sup>25</sup>.

<sup>22</sup> J. Cerqueira GONÇALVES – *Fazer Filosofia*, Braga, Faculdade de Filosofia, 1990, p. 109.

<sup>23</sup> Id., *ibid.*, p. 111.

<sup>24</sup> Gustavo de FRAGA – «Filosofia e Vida», in *Arquipélago*, Série de Ciências Humanas, 7 (1985), p. 9.

<sup>25</sup> Id., *ibid.*, p. 15.

Os estudos na universidade situam-se assim perante um permanente desafio que «o ideal de uma cultura da vida do espírito»<sup>26</sup> representa para os que apostam na via do seu aprofundamento e na dinâmica da sua transmissão. A ideia de desenvolvimento social, político, económico, artístico e religioso configura-se a partir de um horizonte cultural que permite delinear os eixos duma estratégia de investigação e de ensino, na confluência, não só de interesses de utilidade imediata, orientados para uma habilitação profissional nas suas variadas dimensões, mas também de ideais que permitem articular com uma certa unidade as tarefas principais que o homem se sente impellido a realizar. É assim a partir da percepção duma sabedoria, que será possível integrar os múltiplos saberes, indispensáveis à organização do tempo presente nas raízes que o sustentaram no passado e poderão também garantir a sua continuidade para enfrentar os desafios do futuro.

Na medida em que a prática científica se restringir à resolução de questões imediatas que surgem no dia a dia, arrisca-se a repetir um conjunto de resultados e a rememorar formulários, no esquecimento completo dos problemas e princípios que estão na sua origem e poderão promover a sua renovação. Compete à universidade a tarefa de reordenar «os caminhos para manter viva essa panorâmica englobante dos vários saberes criticamente assumidos»<sup>27</sup>. Se não existe uma única via para o conseguir, existem no entanto instrumentos indispensáveis a utilizar, como sejam, o cultivo da interdisciplinaridade; o exercício duma reflexão epistemológica e ética a partir de uma base histórico-crítica das diferentes áreas científicas; uma abertura da universidade para que, como escreveu Eduardo Soveral, «a história das ideias, a sociologia do saber, a filosofia da cultura e a gnosiologia não sejam, para muitos departamentos universitários, ilustres desconhecidas, mas estejam presentes nos respectivos horizontes intelectuais»<sup>28</sup>.

Com efeito, o ensino duma ciência que ignore a especulação filosófica, que equacionou e dirigiu os problemas fundamentais dos diversos ramos disciplinares, deixaria de poder suscitar a dúvida e a inquietação no espírito dos que as cultivam. É este dinamismo criador da razão que não só permite formular esses problemas, mas está também na origem da sua resolução e poderá dinamizar o seu ulterior aprofundamento, impedindo que se cristalize, como diz Ortega y Gasset, «num pensar esquemático e formalista»<sup>29</sup>, meramente

<sup>26</sup> Id., *ibid.*, p. 13.

<sup>27</sup> Eduardo A. SOVERAL – «Reflexões sobre a Universidade do futuro», in *Educação e Cultura*, Lisboa, Instituto de Novas Profissões, 1993, p. 47.

<sup>28</sup> Id., *ibid.*

<sup>29</sup> J. ORTEGA Y GASSET *El tema de nuestro tiempo*, Madrid, Espasa-Calpe, p.44.

repetitivo dos resultados da ciência. Sem uma ponderação da consistência dos nossos procedimentos demonstrativos, sem uma concepção geral do universo, da estrutura da matéria, da lógica orgânica da vida, com a nova configuração que os problemas tradicionais da filosofia passaram a revestir, como a causalidade, o determinismo, a finalidade, etc., as disciplinas científicas tendem a fragmentar-se numa pluralidade dispersa de resultados e o ensino universitário arrisca-se a ficar confinado à iniciação duma gíria especializada e a ser um mero difusor de técnicas eficazes.

7. A Universidade dos Açores está a caminho de perfazer 20 anos. É uma idade suficientemente maleável tanto para justificar as suas dificuldades e limitações, como para credenciar a posição que vai ocupando no conspecto nacional e também internacional. Todavia, apesar de criação recente, corresponde ao culminar dum processo que desde o século passado conheceu momentos significativos, quer nas diligências feitas para implementar um sistema de ensino superior capaz de assegurar uma formação profissional que contribuísse para melhorar a qualidade de vida das populações insulares, quer também pelos estudos efectuados no campo da história, como pelas pesquisas que foram realizadas por naturais dos Açores, com cooperação internacional, no âmbito das geociências e da biologia. Mas teria sido no começo dos anos sessenta que, segundo refere o Prof. José Enes, se discutiu a ideia, em artigos publicados na imprensa de então, em que ele também foi protagonista, «da necessidade e da possibilidade de uma verdadeira universidade como órgão institucional do processo de culturação da sociedade açoriana, considerada como um todo societal»<sup>30</sup>.

Na verdade, uma universidade não se desenvolve espontaneamente pela mercê apenas do decreto que a cria, mas porque encontra na sociedade terreno propício para estender as suas raízes. Não será a dimensão territorial ou o seu índice demográfico que poderão justificar a existência da universidade. Como penetrantemente observou José Enes há quase 10 anos, no texto a que acabámos de referir, num estilo com ressonâncias de oratória parlamentar, «grande era o Brasil e só muitos anos decorridos sobre o grito de Ipiranga soaram os gonzos da sua primeira universidade. Em contrapartida, pequenas são a Islândia e a ilha de Malta e de há muitos anos se nutrem culturalmente das suas *almae matres*»<sup>31</sup>.

<sup>30</sup> JOSÉ ENES – «Fundação e perspectiva histórica da Universidade dos Açores», in *Pensando no X Aniversário da Universidade dos Açores*, Ponta Delgada, 1986 p. 55.

<sup>31</sup> Id., *ibid.*, p. 44.

A presença da filosofia é conatural à própria Universidade dos Açores, em que o seu fundador e primeiro Reitor é uma personalidade proeminente do pensamento filosófico português. Embora a sua obra fundamental, *À Porta do Ser*, tivesse sido publicada muito antes desta época e fosse já conhecida nos meios universitários portugueses, José Enes publicou, na revista *Arquipélago* da Universidade dos Açores, textos fundamentais para a compreensão do seu pensamento filosófico, como por exemplo «Dois discursos ontológicos» e «Noeticidade metafórica da linguagem científica». E foi ainda como professor da Universidade dos Açores que publicou na Imprensa Nacional *Linguagem e Ser*, uma obra que o tornou conhecido e apreciado também em Espanha.

Igualmente, desde praticamente os seus começos, o Prof. Gustavo de Fraga foi uma presença decisiva pelas funções que desempenhou, nomeadamente à frente do Conselho Científico da Universidade. A sua inserção no sistema universitário português e a experiência de vários anos em universidades europeias muito contribuíram para criar entre nós um espírito de universidade, que ainda nos empenhamos por manter. Antes de vir para os Açores, Gustavo de Fraga pertencia ao grupo de notáveis professores que, com Alexandre Morujão, seu colega de Coimbra, e o saudoso mestre Pe. Júlio Fragata, foram pioneiros em Portugal nos estudos aprofundados da fenomenologia de Husserl. O regresso aos Açores constituiu ocasião para reacender o interesse pela obra de Antero, tendo publicado importantes ensaios sobre o seu pensamento filosófico, bem como outros trabalhos em jeito de homenagem a personalidades destacadas da filosofia e da cultura dos Açores, como os anterianistas Ruy Galvão de Carvalho e José Bruno Carreiro.

Presentemente, as linhas principais de orientação manifestam uma nítida preferência pela filosofia contemporânea. Alguns projectos de investigação para ingresso na carreira docente universitária orientam-se no âmbito da filosofia da cultura, ocupando-se do estudo do pensamento hermenêutico de Heidegger e Gadamer, incidindo outros sobre a filosofia de Merleau-Ponty e também sobre o pensamento filosófico de autores portugueses.

Para além destes, os projectos de investigação com vista ao doutoramento desenvolvem-se nas seguintes temáticas: no domínio da filosofia da história e da cultura, Berta Pimentel tem estudado a filosofia de Ortega y Gasset, destacando em especial as categorias da razão vital, da cultura e da sociedade. Publicou recentemente na revista *Arquipélago* um extenso texto sobre o assunto; Maria Gabriela Teves Castro tem vindo a estudar, no âmbito da estética filosófica, a dimensão criativa da imaginação, tomando como inspiração principal a obra de Paul Ricoeur. Esta temática tem vindo a ser abordada nos artigos que tem publicado na *Arquipélago*; no âmbito da filosofia

social e política, Carlos Amaral prossegue um projecto de doutoramento sobre filosofia do Estado, centrado no estudo da autonomia política regional na Europa. Dá deste modo continuidade a uma especialização em filosofia política e relações internacionais obtida na Fletcher School, nos Estados Unidos, tendo já publicado sobre este tema alguns trabalhos.

Numa fase já mais avançada da investigação, Jorge Croce Rivera prossegue, com o apoio da JNICT, o estudo sistemático e a organização do espólio de José Marinho, depositado na Biblioteca Nacional de Lisboa. Este trabalho tem vindo a servir de base ao seu projecto de doutoramento, em que procura o aprofundamento nocional do pensamento ontológico do autor da *Teoria do Ser e da Verdade*, e à publicação dos inéditos, que a Imprensa Nacional-Casa da Moeda está a editar. Na colecção «Obras de José Marinho», saiu já *Aforismos sobre o que mais importa*, encontrando-se no prelo mais dois volumes de inéditos. O mesmo projecto editorial deverá ainda publicar, além de outros textos inéditos, uma selecção da sua correspondência e a reedição de obras entretanto esgotadas.

No seguimento da sua dissertação de doutoramento, *A problemática do pensamento na filosofia de Blondel – esboço de uma teoria da Natureza e do Espírito* –, Maria do Céu Patrão Neves publicou diversos trabalhos sobre vários aspectos do pensamento deste autor. Tem dedicado também uma atenção particular à filosofia francesa, na linha do positivismo espiritualista, com destaque para Maine de Biran, Ravaisson e Bergson. Recentemente traduziu a *Intuição filosófica* de Bergson, com introdução e notas da sua autoria, e estudou a influência da filosofia francesa no pensamento de Antero de Quental. Paralelamente, tem desenvolvido intensa actividade no campo dos estudos de bioética.

Também na sequência da dissertação de doutoramento na área da epistemologia, publicada recentemente com o título *Jean Piaget e o sujeito do conhecimento*, tenho vindo a apresentar alguns trabalhos sobre aspectos do pensamento deste autor, e outros no campo da epistemologia e da filosofia do conhecimento, nomeadamente sobre a filosofia cartesiana. Simultaneamente tenho dedicado particular interesse ao contributo que autores de origem açoriana trouxeram ao pensamento filosófico, tendo até ao presente estudado alguns temas do pensamento de Teófilo Braga, no campo da filosofia positivista, e analisado alguns aspectos da visão do homem e da história em Gaspar Frutuoso, cronista açoriano do século XVI.

Em termos globais, o sector da filosofia do Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais da Universidade dos Açores tem vindo a assegurar, através do seu Centro de Estudos Filosóficos e com a colaboração de outras universidades, a publicação da Série Filosofia da revista *Arquipélago*,

actualmente no seu número 4. Tem em projecto estudar o pensamento filosófico de autores açorianos menos conhecidos, tendo para o efeito iniciado, com a cooperação da Biblioteca Municipal e Arquivo de Ponta Delgada, a organização duma «Biblioteca Açoriana de Filosofia», que deverá abranger posteriormente outras bibliotecas da região, com vista a catalogar as obras de interesse para os estudos filosóficos. Simultaneamente, estamos empenhados na organização dum curso de licenciatura em Filosofia que, em relação ao actualmente existente, apresente um reforço na área das disciplinas filosóficas e ao mesmo tempo venha a possibilitar, através duma componente opcional, um complemento de iniciação noutras áreas disciplinares. Pretende-se deste modo dar continuidade à orientação de base que esteve na origem da criação do actual curso, que associou o ensino da filosofia a outras áreas científicas, susceptíveis de propiciar o desenvolvimento das virtualidades que a filosofia pode colher da sua ligação ao mundo da vida. A componente opcional poderá proporcionar uma formação homogénea e complementar ao ramo principal que é a filosofia, conferindo um suporte positivo consistente à reflexão filosófica e abrindo aos estudantes desta licenciatura ulteriores campos de especialização.

Apesar do curso de filosofia se ter iniciado apenas em 1981, associado a uma componente de história, o estudo de temas e correntes filosóficas esteve desde sempre presente no ensino ministrado na Universidade dos Açores, através de cursos que, conforme constava nas *Propostas para o planeamento do Instituto Universitário dos Açores*, procuravam dar aos estudantes «uma visão actual e humanista das principais características culturais do momento histórico que o mundo vive nos nossos dias». É de salientar a propósito que a publicação do livro *Fidelidade e Alienação* do Prof. Fraga teve origem num desses cursos.

O curso de filosofia na nossa Universidade tem funcionado dentro do quadro jurídico que regulamentou os cursos da via ensino, situação que se depara presentemente com sérias dificuldades para se manter. Pensamos porém que a filosofia na universidade não pode ser vista em função apenas das saídas profissionais para o ensino. Em nosso entender ela representa um indicador da maturidade da própria universidade, como elemento indispensável da formação dos estudantes das diferentes áreas do saber, lugar privilegiado da transdisciplinaridade, reserva para a renovação do sentido da própria universidade e veículo de estudo e de divulgação do pensamento filosófico em que os Açores, ao longo da história, marcaram sempre um envolvimento efectivo, que é importante ir clarificando.

Numa Europa, em que o papel das regiões tende a ser reforçado em torno da unidade cultural que cada uma representa, desligar a reflexão da nossa cultura insular da sua dimensão filosófica, seria mutilá-la de uma componente que a tem enquadrado de um modo muito significativo, conforme diversos trabalhos têm salientado, chamando a atenção para a importância e relevância dos estudos filosóficos nos Açores e para a projecção que autores de origem açoriana lograram alcançar no campo da filosofia.

A Filosofia, como pólo aglutinador da cultura, é indispensável a um desenvolvimento da Região que se não centre exclusivamente numa aposta tecnológica. Não obstante este domínio ser de grande importância para o seu futuro, a Região deverá assegurar, através das estruturas de ensino superior, o seu lugar no conspecto cultural do todo nacional. Como alguns autores têm procurado destacar, em diversos períodos da História, a presença dos Açores, através de sucessivos movimentos e personalidades, tem representado uma reserva cultural da «alma portuguesa» e assumido mesmo um posição de vanguarda em domínios onde a presença de Portugal exerceu uma influência notável. Hoje, a posição central no Atlântico e o relevo que tem assumido no contexto das regiões insulares de todo o mundo constituem o cenário onde se projecta o desafio histórico da geração actual. Estamos convencidos de que esta missão passa pelo reforço da nossa identidade cultural e de que cabe à Universidade um papel central nesta missão, através da investigação da nossa idiossincrasia, da formação das novas gerações e do confronto com outras mundividências culturais.

JOSÉ LUÍS BRANDÃO DA LUZ

Universidade dos Açores